

## UMA NOVA LÍNGUA QUE NÃO CESSA DE SE DESDOBRAR (POESIA E INFÂNCIA)

---

MÔNICA DE AQUINO\*

A maternidade tem sido para mim, entre tantas coisas, uma outra relação com o tempo, a criação de uma nova densidade para as tarefas diárias, o retorno ao país da infância. E como é gostoso conviver com a minha filha, percebo, correndo o mesmo risco que a mulher distraída do conto de Lydia Davis:

*O gato está chorando na janela. Quer entrar em casa. Você reflete sobre como ter um gato em casa e os cuidados que o gato exige fazem você pensar em coisas simples, como abrir a porta para ele entrar e como isso é gostoso. Reflete sobre isso e está tão ocupada refletindo que se esquece de abrir a porta para o gato, que ainda está chorando na janela. Percebe que o gato ainda está lá fora e pensa como é estranho que, enquanto reflete sobre como é bom conviver com as necessidades simples de um gato, não deixou o gato entrar e, ao contrário, deixou-o chorando na janela. Então, enquanto pensa nisso, em como isso é estranho, abre a porta sem se dar conta e o gato entra. [...] (Davis, 2007, p. 80).*

Com algumas adaptações, eu poderia substituir esse gato. Há algum risco em misturar, em um mesmo momento, cuidado, encantamento, atenção, registro.

\*

O gato trivial e cotidiano que é este convívio, entretanto, revela-se tão surpreendente quanto o gato sem rabo que perpassa o livro *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf – mas,

---

\* É poeta, autora de *Sístole* (2005) e *Fundo falso* (2018), livro vencedor do Prêmio Cidade de Belo Horizonte de 2013 e semifinalista do Prêmio Jabuti 2019. Publicou, também, cinco livros infantis, todos pela editora Miguilim.

neste caso, não é o olhar perdido além da janela que provoca o desvio: é o olhar que passeia dentro da casa que desvela o insólito no doméstico – a maternidade, lugar de aparente conformação, transforma-se em espaço de descoberta e de transformação.

Afinal, o que pode ser (além do Amor e misturado a ele), tão desestabilizante quanto uma criança ou um bebê? Não é à toa que Baudelaire, a partir da experiência instável e surpreendente da escrita, compara o poeta à criança e ao convalescente, imagem que o chileno Alejandro Zambra retoma no livro *Literatura Infantil*: é com o mesmo olhar inaugural (entre a descoberta e a volta) que tentamos escrever.

“A paternidade também é uma espécie de convalescença que nos permite aprender tudo de novo. E nem sabíamos que havíamos estado gravemente doentes. Acabamos de descobrir.” (Zambra, 2023, p. 16, 17); Zambra afirma o que eu poderia falar também sobre a minha vivência ao lado da Manu.

Cuido distraidamente, distraio-me do cuidado, observo, anoto, experimento novas formas de composição poética; vejo a existência da minha filha se infiltrar em tudo, testo esta influência como tema, como desvio: temporariamente, não haverá uma porta. Ou será ela mesma uma espécie de travessia.

\*

Movida pela surpresa e encantamento, vou, então, para o meu escritório-nunca-mais-só-meu que, menos que um lugar, é um tempo: o da escrita e reescrita de poemas. E aqui, nesse segundo momento, a admiração inicial do convívio se desdobra em exercício de distância – como em qualquer trabalho estético.

Afasto-me um pouco do mundo da oralidade, da primeira descoberta e da pura expressão da infância, dou um passo lateral como uma pequena fuga do Agora: e tento registrá-lo, por vezes buscando trazer para o papel a espontaneidade infantil – aproveito frases da minha filha, transformo pequenos acontecimentos em palavras que adquirem outra camada semântica. Uma forma de transformar nosso convívio também em uma poética (da interrupção e da recolha) e de reinventar, do melhor jeito que eu posso, sua existência.

Escrever é um exercício de controle. Trago as pequenas experiências cotidianas para meu laboratório de escrita. Escrever poemas é, também, um modo muito particular de produzir pensamento. Enquanto me dedico aos versos, partindo de pequenos retalhos biográficos, transformo os fatos que escolho tratar como matéria poética em novas formas de conhecimento: volto às experiências que seleciono e vivo-as outra vez no papel, dando a elas outra camada que, no caso específico dos poemas voltados para a maternidade (como tema ou técnica), levam-me a um novo aprendizado, aprofundam o convívio.

Assim, entre as tarefas diárias de cuidado (e a surpresa de perceber como é gostoso conviver com a Manu e com a infância) e a escrita, misturo perda de controle (com a vulnerabilidade intrínseca à maternidade e ao Amor) e exercício de controle: como poeta, tento fazer dos dois polos uma mesma matéria.

Minha filha se infiltra nas minhas leituras. Terminei de ler agora, enquanto escrevo este depoimento, o livro *Eros, o Doceamargo*, da poeta Anne Carson.

*Dar atenção ao momento em que Eros olha para a sua vida e compreender o que está acontecendo naquele instante é começar a entender como viver. A maneira como Eros assume o controle sobre você é uma lição: ele pode te ensinar a verdadeira natureza do que existe dentro de você. Quando você vislumbra a verdadeira natureza, pode começar a se transformar nela. Sócrates diz que é o vislumbre de um deus (2022, p. 218).*

A amor por um filho pode ser comparável ao amor erótico no que ambos trazem de vulnerabilidade, aprisionamento e perda de limites. Perda que é, ao mesmo tempo, expansão, outra forma de olhar para si mesmo, espécie de casa de espelhos: como em poucas outras “funções”, posso ver o meu rosto.

Vejo-o, também, na escrita. E o que aprendo sobre mim (e sobre a minha filha), é também escrevendo que aprendo.

\*

No livro *Madre Soltera*, a poeta argentina Marina Yuszczuk, partindo do convívio com seu filho e da vivência da gravidez e do puerpério, radicaliza a perspectiva da proximidade (e mistura) que há entre mãe e filho para a experiência de um corpo que se torna ele mesmo aberto, permeável, em um ponto em que não estão claras as fronteiras entre o corpo da mãe e da filha.

*Soñé que a mi bebé le salían un montón de dientes pero en mi boca, una boca muy grande que yo veía desde afuera como si fuera de alguien más, con tres filas de encías como tienen algunos animales y muelitas chicas y medio flojas por acá y allá. Para mostrarle a la gente cuántas muelas le salieron a Junio yo abría la boca, después para cerrarla tenía que empujar las encías para los costados con la lengua, podía sentir los costados de la lengua las muelitas flojas que se acomodaban en su lugar* (YUSZCZUK, 2013, p. 140) [e-book].

A mãe torna-se um ser híbrido, metamorfoseado, capaz de sentir em si o corpo do bebê. Assim, não é ele o seu prolongamento, espécie de “mini-eu”: ao contrário, é também com a boca do filho que a poeta agora sente e se move, que testa e exercita a própria língua; uma boca que cresce, nova, com dentes de leite. Boca de novo em formação, dúplice, estranha, infante, que reaprendemos a manusear.

No livro *O Riso da Medusa*, Cixous, junto às pulsões oral, anal e vocal, fala em uma pulsão de gestação que relaciona à vontade de escrever: “uma vontade de se viver por dentro, uma vontade do ventre, da língua, do sangue” (2022, p. 75). Gestar e ser gestado, processos simultâneos. O “trabalho reprodutivo”, assim, no lugar de produzir apenas repetição, produz transformação, diferença. Gestamos, com nosso filho, uma nova língua que não cessa de se desdobrar – e de nos surpreender.

Vejo a minha filha: se os poemas eram a transparência através da qual eu via (e escrevia, tateante) o mundo, agora é ela um novo filtro através do qual vejo não só o mundo, mas os poemas que estão dentro dele<sup>1</sup>. Transparência? Talvez seja melhor falar

---

1 Aproprio-me, aqui, de uma imagem do livro *Monodrama*, do poeta Carlito Azevedo (2009, p. 87 e 88).

em jogo de espelhos e de sombras: ela é opaca, eu sou opaca, ela forma variados prismas, refrata a luz. Lente convexa.

Ganho, com ela, novos pontos de vista simultâneos, novas palavras e sentidos. Não é ela uma projeção minha, descendente: antes, sou eu que me desdobro a partir dela – *Continuar a nascer*<sup>2</sup> não só como uma tarefa de cuidado e amor, uma exigência deste novo nome que ganho, “mãe”, mas como exercício de criação – a maternagem sendo incorporada à escrita não apenas como tema, mas também como mais um método.

\*

Distante de uma visão romantizada e idealizada da maternidade, a prosa tem retratado, com frequência (e numa aposta que já não me parece tão nova), os conflitos e violências da relação entre mães e filhos, com toda a pressão e perda de liberdade que pode ser sentida pelas mães (e retratando em menor grau, infelizmente, o ponto de vista das crianças, tantas vezes vítimas dessas mães e das famílias e uma minoria ainda menos protegida).

Entretanto, percebo ao meu redor – e na poesia contemporânea, especialmente – um outro movimento, uma outra forma de representar essa relação e de perceber os filhos e a casa, que se torna um espaço de criatividade – de alargamento subjetivo e de percepção do mundo. Nessa direção, gosto de pensar a escrita não como uma tarefa apartada da maternidade e em constante disputa com ela, mas como algo, em muitas medidas, bem similar: exigente, desafiador, encantador, ao mesmo tempo impondo disciplina e profusão de sentimentos, pensamentos, sensações: como dar a esse excesso alguma forma? Como nos transformamos, ao mesmo tempo, com as duas experiências?

Tento acompanhar alguns fios, enquanto olho para a minha própria escrita e para as suas transformações. No percurso, sinto-me do lado da escritora espanhola Gabriela Ybarra, ao falar do filho ainda bebê:

---

2 Referência ao meu próprio livro, *Continuar a nascer* (2019), escrito durante minha gestação e puerpério.

*Além disso, o ritmo dos cuidados com um recém-nascido me pareceu similar ao da escrita: lento, complicado e à margem. Minhas horas sozinhas com o menino, como o meu tempo a sós com um texto, me servem para investigar meu entorno e, ultimamente, para me aprofundar no cotidiano. [...] Tanto Santiago, quanto a literatura, me interrogam, me exigem uma dedicação total, me obrigam a trabalhar a constância e a paciência e me roubam horas de sono, mas a escrita e o bebê também alimentam minha curiosidade em saber o que há atrás dos móveis, dentro das caixas e debaixo das almofadas. Meu filho Santiago não me deixa muito tempo para trabalhar, mas sua companhia me enche de ideias e planta em mim as perguntas essenciais [...] (Ybarra, 2018, p. 68).*

O que há por trás, o que há dentro, debaixo, além: na medida em que os filhos crescem, esse espaço se amplia para a praça e para a rua, para outras cidades e países – e outros mundos. Rua e casa se misturam.

Abaixamo-nos, olhamos o mundo do ponto de vista das crianças. Sentamos ao seu lado e o tempo passa em um outro ritmo – é o tempo de *kairós*, da brincadeira, do instante – que atravessa também a escrita. Preciso e displicente ao mesmo tempo – preciso, sim, concentrado (mas fora de qualquer cálculo).

\*

“Os poetas desceram do Olimpo”, escreve o poeta chileno Nicanor Parra<sup>3</sup> num dos seus (anti)poemas mais conhecidos. E eles passam a observar o que estava ao rés do chão. Desde Baudelaire, o primeiro poeta moderno segundo tantas versões dessa história, o poeta-*flanêur* que caminhava pelas galerias de Paris desprezando a mercadoria, misturando-se à multidão e comparando o artista moderno ao trapeiro que diariamente carregava – e reinventava – os restos da cidade.

---

3 Verso do livro *Poemas y antipoemas* (1954). Voltar a Parra me faz pensar em um poema curto de Paloma Vidal, publicado no livro *Wyoming* (2018, p, 34): "Aos 99 anos/ Nicanor parra/ Fala sobre/ literatura/ Música e filosofia/ E diz/ Que parou/ De escrever/ Para se dedicar/ A anotar/ Frases de crianças".

*Aqui temos um homem - ele tem de recolher os restos de um dia da capital. Tudo o que a grande cidade jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que quebrou, ele o cataloga, ele o coleciona. Compila os arquivos da devassidão, o cafarnaum da escória; ele procede a uma separação, a uma escolha inteligente; recolhe, como um avaro um tesouro, o lixo que, mastigado pela Deusa da Indústria, tornar-se-á objeto de utilidade ou de gozo (Baudelaire apud Benjamin, 1989, p. 78).*

O lixo recolhido pelo poeta-trapeiro é, entretanto, circunscrito à metáfora: o *flanêur* caminha, divaga, atravessa as galerias cheias de vitrines iluminadas. Percorre as ruas, sensibiliza-se com a pobreza e a sujeira, identifica-se com os excluídos. Um trapeiro que analisa e valora tudo o que vê, estabelece novas relações e correspondências. Mas que não se abaixa efetivamente para recolher nada no chão. A não ser, talvez, para recolher palavras comuns. Palavras-resíduo que antes ninguém teria posto num poema.

A este exercício de recolha baudelairiano, que apesar da subversão, constitui ainda um gesto “heroico”, quero contrapor (e sobrepor) um outro: o da mãe-escritora que cuida da filha e transforma também esse cuidado em uma ferramenta estética. O lixo, aqui, torna-se outra forma de tesouro, a coleção de restos do dia ganha uma inflexão afetiva e imaginativa. Como neste poema da portuguesa Ana Luísa Amaral:

### **A Verdade Histórica**

A minha filha partiu uma tigela  
na cozinha.  
E eu que me apetecia escrever  
sobre o evento,  
tive que pôr de lado inspiração e lápis,  
pegar numa vassoura e varrer  
a cozinha.

A cozinha varrida de tigela  
ficou diferente da cozinha

de tigela intacta:  
local propício a escavação e estudo,  
curto mapa arqueológico  
num futuro remoto.  
Uma tigela de louça branca  
com flores,  
restos de cereais tratados  
em embalagem estanque  
espalhados pelo chão.

Não eram grãos de trigo de Pompeia,  
mas eram respeitosos cereais  
de qualquer forma.  
E a tigela, mesmo não sendo da dinastia Ming,  
mas das Caldas,  
daqui a cinco ou dez mil anos  
devia ter estatuto admirativo.

Mas a hecatombe  
deu-se.  
E escorregada de pequeninas mãos,  
ficou esquecida de famas e proveitos,  
varrida de vassouras e memórias.

Por mísero e cruel balde de lixo  
azul  
em plástico moderno  
(indestrutível).  
(Amaral, 2022, p. 40)

Na primeira cena e em primeiro plano, uma reclamação tão recorrente das  
pessoas responsáveis pelas demandas da maternagem: já não é possível um teto todo



seu (teria sido, algum dia?) e mesmo o trabalho criativo, que tantas vezes exige solidão e concentração, passa a ser intermitente, interrompido, desviado. Colocamos de lado inspiração e lápis para atender um chamado, para dar comida, consolar, brincar, para pegar uma vassoura e varrer os cacos, os estilhaços.

Mas a escrita suspensa, no lugar de uma impossibilidade, pode se transformar em outro texto, ganhar uma nova camada, abrindo perspectivas que renovam o olhar adulto – e um pequeno evento doméstico ganha profundidade e espessura. O espaço que compartilhamos com o bebê ou com a criança também se metamorfoseia, propenso a escavações e estudos.

Através do recurso à metalinguagem e à ironia, Ana Luísa Amaral mostra como o seu poema distancia-se de certa vertente heroica dos grandes fatos e acontecimentos (simbolizados pelas referências a Pompeia e à dinastia Ming), enquanto, ao mesmo tempo, reivindica o incidente doméstico como algo que pode provocar uma fresta no cotidiano e constituir uma experiência memorável que provoca a criação artística.

Escrita que não poderia acontecer naquele momento (em que o artefato privilegiado era a vassoura), mas que mesmo assim acontece.

\*

A criança brinca; nós escrevemos e tentamos compartilhar o gesto espontâneo, lúdico e dedicado de profanar qualquer palavra e objeto. Como lembra o filósofo Giorgio Agamben, no livro *Profanações*, profanar é retirar da esfera do sagrado para devolver ao uso comum. As crianças profanam o capital e o deus Chronos, deus da passagem do tempo – apropriando-se dele e dos mais diferentes objetos e acontecimentos de uma forma “que não coincide com o consumo utilitarista.” (Agamben, 2007, p. 67)

“As crianças, que brincam com qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos, transformam em brinquedo também o que pertence à esfera da economia, da guerra, do direito e das outras atividades que estamos acostumados a considerar sérias”, escreve Agamben. (2007, p. 67). Mas brincar é também uma atividade séria, inventora de mundos.

\*

No documentário *Os catadores e eu*, da cineasta belga Agnès Varda – e que traduzido diretamente do francês, *Les glaneurs et La glaneuse*, seria algo como “Os catadores e a catadora” –, Varda, em uma determinada cena, assume o lugar da catadora no quadro de Jules Breton e carrega, ela mesma, em posição similar, um feixe de trigo. Na sequência, substitui o trigo por sua câmera digital, com a qual coleta histórias, personagens, imagens.

Minha câmera é a caneta, é este teclado de notebook onde agora escrevo. Com eles, vou criando meu arquivo de acontecimentos, minhas listas de ideias, as hipóteses que vão surgindo. A existência da *Manu* como matéria poética converte poemas também em uma forma de registro: aproprio-me de frases, de pequenas surpresas, de fatos corriqueiros que salvo do esquecimento. Como uma espécie de carta para o futuro.

### **Para ler esta carta**

Com três anos, ela brinca de escrever.

Suas frases são feitas de vales e de cumes  
com diferentes espessuras.

“Mamãe, você lê o que eu escrevi?”  
ela pede e me entrega o papel.

Eu peço sua ajuda.

“Mamãe, como você lê tantos livros  
e não consegue ler o que eu escrevi?”

\*

Sua escrita parece um eletrocardiograma.

Parece o exame que mede o fluxo de sangue  
através do cordão umbilical.

Talvez isso seja uma pista.

\*

Agora, ela enche outra folha com vários traçados  
e me entrega a carta.

Tem certeza de que, desta vez,  
vou conseguir entender.

Acredito que um dia eu vou conseguir entender.<sup>4</sup>

Volto a Anne Carson, quando afirma que o verbo grego “ler” é composto pelo verbo “conhecer” e pelo prefixo “ana”, que significa “novamente” (Carson, 2022, p. 217). Escrever, eu poderia dizer (colando leitura e escrita), é também um modo de conhecer novamente. Escrevo para reorganizar as palavras cotidianas em uma nova forma que altera sua própria matéria; escrevo para (re)conhecer; escrevo para ler e, assim, conhecer ainda mais uma vez.

Escrevo, também, para que um dia ela leia. Para que conheça ainda desse outro modo lampejos da própria história.

---

4 Poema inédito.

LIVROS CITADOS:

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Biotempo, 2007.
- AQUINO, Mônica de. *Continuar a nascer*. Belo Horizonte: Edições Relicário, 2019.
- AMARAL, Ana Luísa. *O olhar diagonal das coisas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022.
- AZEVEDO, Carlito. *Monodrama*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- CARSON, Anne. *Eros: o doce-amargo: um ensaio*. Trad. Julia Raiz. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- DAVIS, Lydia. *Tipos de Perturbação: ficções*. Trad. Branca Vianna. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- YBARRA, Gabriela. *Santiago*. In: *Lo Infraordinario*. Querétaro: Gris Tormenta, 2018.
- YUSZCZUK, Marina. *Madre soltera y otros poemas*. Buenos Aires: 2013. [e-book]
- VIDAL, Paloma. *Wyoming [lugares onde eu não estou]*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018b.
- ZAMBRA, Alejandro. *Literatura Infantil: cartas ao filho*. Trad. Miguel Del Castillo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

---

Submetido em 18 de agosto de 2024

Aprovado em 26 de agosto de 2024

Publicado em 29 de setembro de 2024

---